

**O exercício do tear: a articulação entre Economia Política da Comunicação e os Estudos Culturais latino-americanos na pesquisa em Mídia e Cotidiano**

**El ejercicio del telar: la articulación entre Economía Política de la Comunicación y los Estudios Culturales latinoamericanos en la investigación en Medios y Cotidiano**

**The exercise of loom: the articulation between Political Economy of Communication and Latin American Cultural Studies in Media and Daily Life research**

**Filipe Mello de Souza Cabral**

Mestre em Mídia e Cotidiano pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (PPGMC/UFF), Brasil

Contato: [filipemscabral@gmail.com](mailto:filipemscabral@gmail.com)

**Marco André Feldman Schneider**

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA-USP). Pesquisador do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict/UFRJ); Professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil

Contato: [art68schneider@gmail.com](mailto:art68schneider@gmail.com)

Artigo submetido em 31/03/2019

Aprovado em 18/05/2019



## Resumo

O presente estudo reflete sobre o valor da articulação entre Economia Política da Comunicação e Estudos Culturais Latino-americanos na composição de uma perspectiva totalizante sobre os fenômenos e processos comunicacionais próprios da relação entre Mídia e Cotidiano. Parte-se da exposição do que é e do que trata a pesquisa em Mídia e Cotidiano para, em seguida, discutir por que tal articulação teórica lhe é tão cara e como pode ser conduzida em termos metodológicos. Para tanto, são fundamentais os conceitos de cotidiano, mídia e mediações culturais – sobretudo nas relações que possuem e estabelecem com o pensamento crítico latino-americano de Comunicação.

Palavras Chave: mídia; cotidiano; mediações; Economia Política; Estudos Culturais;

## Resumen

El presente estudio refleja sobre el valor de la articulación entre la economía política de la comunicación y los estudios culturales latinoamericanos en la composición de una perspectiva totalizadora sobre los fenómenos y procesos comunicacionales propios de la relación entre los medios y el cotidiano. Se parte de la exposición de lo que es y de lo que trata la investigación en Medios y Cotidiano para luego discutir por qué tal articulación teórica le es tan cara y cómo puede ser conducida en términos metodológicos. Para eso, son fundamentales los conceptos de cotidiano, medios y mediaciones culturales - sobre todo en las relaciones que poseen y establecen con el pensamiento crítico latinoamericano de Comunicación.

Palabras clave: medios; todos los días; mediaciones; Economía Política; Estudios Culturales;

## Abstract

The present study reflects about the value of the articulation between Political Economy of Communication and Latin American Cultural Studies in the composition of a totalizing perspective on the phenomena and communicational processes proper to the relationship between Media and Daily life. It starts from the exposition of what is the research in Media and Daily Life, and then discusses why such theoretical articulation is so expensive and can be conducted in methodological terms. For that, the concepts of everyday life, media and cultural mediations are fundamental - especially in the relations that they have and establish with the critical Latin American thinking of Communication.

Keywords: media; daily; mediations; Political economy; Cultural Studies;

1. Doravante EC latino-americanos e EPC.

2. O documento citado foi acessado através da Plataforma Sucupira – plataforma digital que centraliza as informações sobre as Avaliações Quadrienais da Capes. Por se tratar de um texto corrido em meio digital, não se pôde precisar a paginação.

O objetivo deste trabalho é discutir a articulação entre os Estudos Culturais latino-americanos e a Economia Política da Comunicação<sup>1</sup> na composição teórica e metodológica da pesquisa em Mídia e Cotidiano. Em outras palavras, busca-se apresentar aqui a pesquisa em Mídia e Cotidiano como um desdobramento da tradição crítica latino-americana de Comunicação, cuja principal contribuição à renovação teórica desta tradição reside, justamente, na articulação que propõe (e demanda) entre a EPC e os EC latino-americanos para análise de seus objetos de investigação, isto é, as mediações presentes na – e/ou derivadas da – relação entre Mídia e Cotidiano.

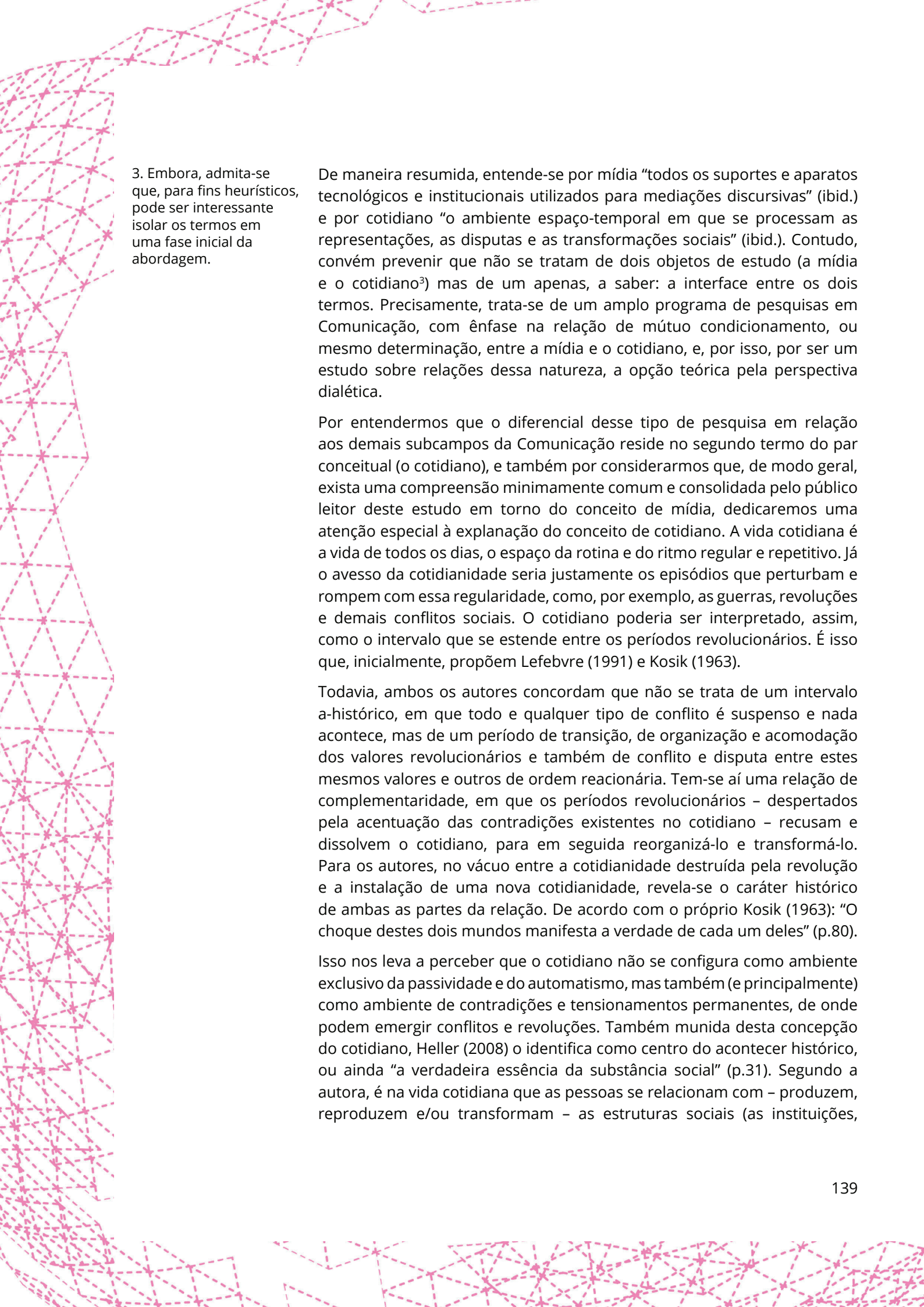
Cabe registrar que a reflexão aqui proposta se baseia – não apenas, mas preponderantemente – em estudo realizado ao longo do curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (PPGMC/UFF). Na ocasião, ao questionar (problematizar) de que maneira a pesquisa em Mídia e Cotidiano se alinhava ao pensamento comunicacional crítico latino-americano, foi verificado que a pesquisa em Mídia e Cotidiano se soma ao pensamento crítico regional na medida que assume – não sozinha, mas talvez de forma privilegiada por conta dos fenômenos e processos que investiga – a tarefa de atualizar criticamente a teoria das mediações (culturais) reivindicando, para tanto, a articulação teórica entre os Estudos Culturais latino-americanos, as Teorias da Dependência e a Economia Política da Comunicação (CABRAL, 2018).

As tarefas do presente trabalho são, então, basicamente: apresentar o que é e do que trata a pesquisa em Mídia e Cotidiano, explicar por que os cruzamentos entre os EC latino-americanos e EPC lhes são tão caros e, mais ainda, por que pode ser considerada um (sub)campo de estudos privilegiado para a experimentação e o desenvolvimento de tais cruzamentos teóricos e metodológicos.

## **A pesquisa em Mídia e Cotidiano**

Em termos institucionais, pode-se dizer que a pesquisa em Mídia e Cotidiano – conforme vem sendo desenvolvida pelo PPGMC/UFF – integra a grande área de Comunicação e Informação e tem como área de concentração os “discursos midiáticos e práticas sociais”. Conforme explica o relatório do Programa, tal estudo:

Compreende dialeticamente as relações entre mídia e vida cotidiana, analisando as contradições e potencialidades dos discursos midiáticos, sua influência ideológica, e sua referenciais culturais e sua incorporação/transformação pelas práticas sociais. [...] abrange estudos articulados de suportes, produtos e processos nas áreas de jornalismo, publicidade, meios audiovisuais, design e tecnologias digitais, que instrumentalizam práticas sócio-discursivas. (UFF, 2017).<sup>2</sup>



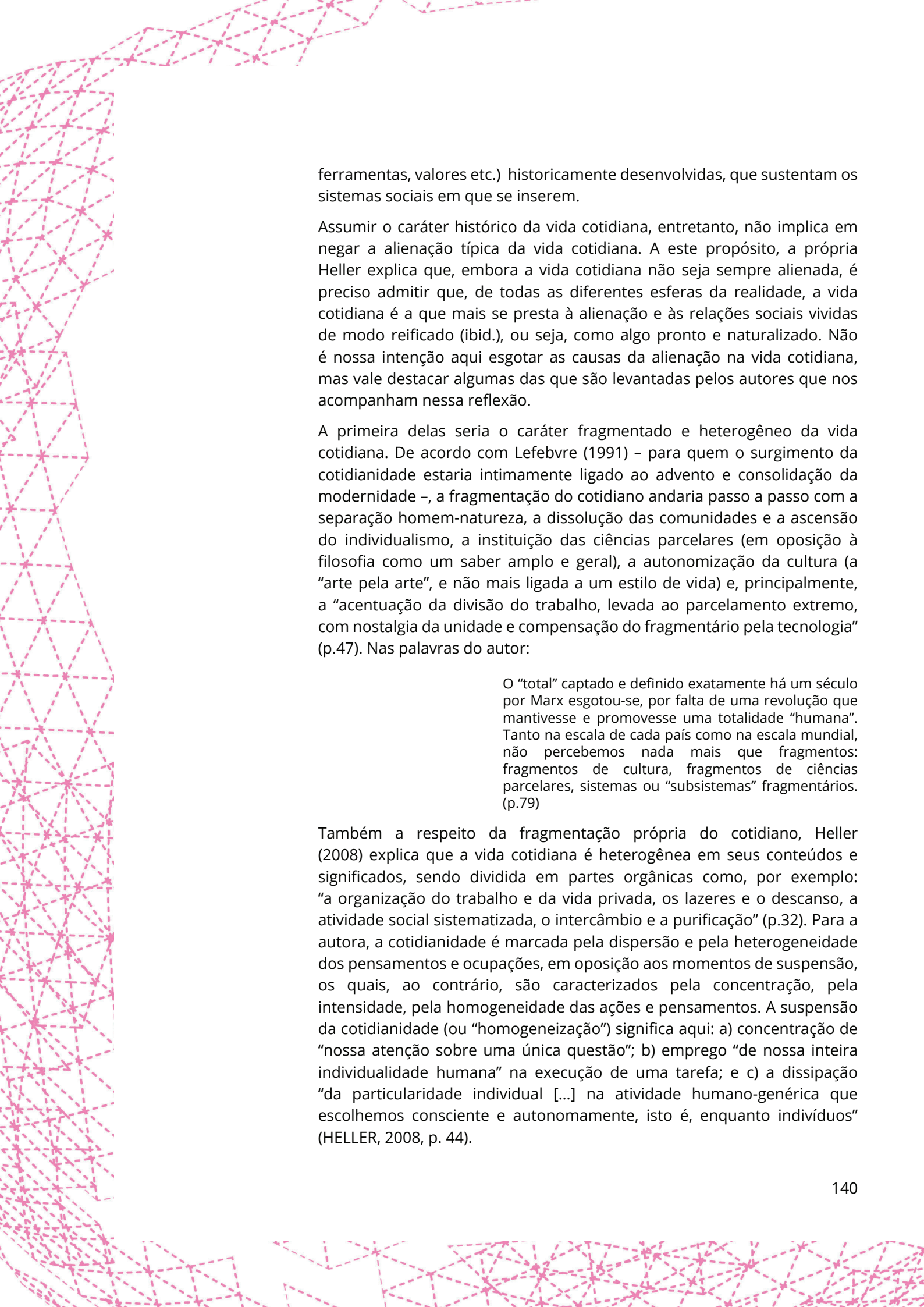
3. Embora, admita-se que, para fins heurísticos, pode ser interessante isolar os termos em uma fase inicial da abordagem.

De maneira resumida, entende-se por mídia “todos os suportes e aparatos tecnológicos e institucionais utilizados para mediações discursivas” (ibid.) e por cotidiano “o ambiente espaço-temporal em que se processam as representações, as disputas e as transformações sociais” (ibid.). Contudo, convém prevenir que não se tratam de dois objetos de estudo (a mídia e o cotidiano<sup>3</sup>) mas de um apenas, a saber: a interface entre os dois termos. Precisamente, trata-se de um amplo programa de pesquisas em Comunicação, com ênfase na relação de mútuo condicionamento, ou mesmo determinação, entre a mídia e o cotidiano, e, por isso, por ser um estudo sobre relações dessa natureza, a opção teórica pela perspectiva dialética.

Por entendermos que o diferencial desse tipo de pesquisa em relação aos demais subcampos da Comunicação reside no segundo termo do par conceitual (o cotidiano), e também por considerarmos que, de modo geral, exista uma compreensão minimamente comum e consolidada pelo público leitor deste estudo em torno do conceito de mídia, dedicaremos uma atenção especial à explanação do conceito de cotidiano. A vida cotidiana é a vida de todos os dias, o espaço da rotina e do ritmo regular e repetitivo. Já o avesso da cotidianidade seria justamente os episódios que perturbam e rompem com essa regularidade, como, por exemplo, as guerras, revoluções e demais conflitos sociais. O cotidiano poderia ser interpretado, assim, como o intervalo que se estende entre os períodos revolucionários. É isso que, inicialmente, propõem Lefebvre (1991) e Kosik (1963).

Todavia, ambos os autores concordam que não se trata de um intervalo a-histórico, em que todo e qualquer tipo de conflito é suspenso e nada acontece, mas de um período de transição, de organização e acomodação dos valores revolucionários e também de conflito e disputa entre estes mesmos valores e outros de ordem reacionária. Tem-se aí uma relação de complementaridade, em que os períodos revolucionários – despertados pela acentuação das contradições existentes no cotidiano – recusam e dissolvem o cotidiano, para em seguida reorganizá-lo e transformá-lo. Para os autores, no vácuo entre a cotidianidade destruída pela revolução e a instalação de uma nova cotidianidade, revela-se o caráter histórico de ambas as partes da relação. De acordo com o próprio Kosik (1963): “O choque destes dois mundos manifesta a verdade de cada um deles” (p.80).

Isso nos leva a perceber que o cotidiano não se configura como ambiente exclusivo da passividade e do automatismo, mas também (e principalmente) como ambiente de contradições e tensionamentos permanentes, de onde podem emergir conflitos e revoluções. Também munida desta concepção do cotidiano, Heller (2008) o identifica como centro do acontecer histórico, ou ainda “a verdadeira essência da substância social” (p.31). Segundo a autora, é na vida cotidiana que as pessoas se relacionam com – produzem, reproduzem e/ou transformam – as estruturas sociais (as instituições,



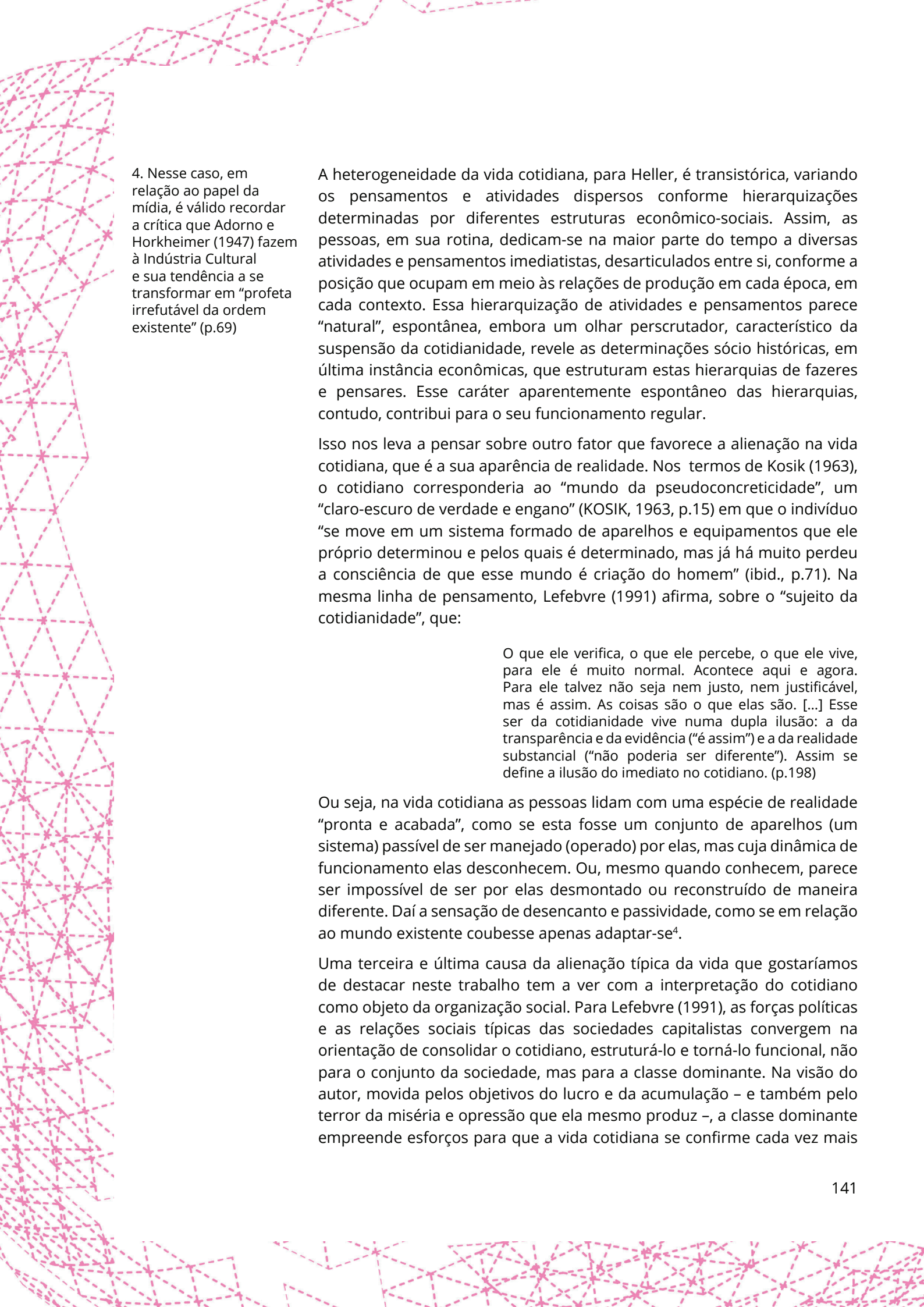
ferramentas, valores etc.) historicamente desenvolvidas, que sustentam os sistemas sociais em que se inserem.

Assumir o caráter histórico da vida cotidiana, entretanto, não implica em negar a alienação típica da vida cotidiana. A este propósito, a própria Heller explica que, embora a vida cotidiana não seja sempre alienada, é preciso admitir que, de todas as diferentes esferas da realidade, a vida cotidiana é a que mais se presta à alienação e às relações sociais vividas de modo reificado (ibid.), ou seja, como algo pronto e naturalizado. Não é nossa intenção aqui esgotar as causas da alienação na vida cotidiana, mas vale destacar algumas das que são levantadas pelos autores que nos acompanham nessa reflexão.

A primeira delas seria o caráter fragmentado e heterogêneo da vida cotidiana. De acordo com Lefebvre (1991) – para quem o surgimento da cotidianidade estaria intimamente ligado ao advento e consolidação da modernidade –, a fragmentação do cotidiano andaria passo a passo com a separação homem-natureza, a dissolução das comunidades e a ascensão do individualismo, a instituição das ciências parcelares (em oposição à filosofia como um saber amplo e geral), a autonomização da cultura (a “arte pela arte”, e não mais ligada a um estilo de vida) e, principalmente, a “acentuação da divisão do trabalho, levada ao parcelamento extremo, com nostalgia da unidade e compensação do fragmentário pela tecnologia” (p.47). Nas palavras do autor:

O “total” captado e definido exatamente há um século por Marx esgotou-se, por falta de uma revolução que mantivesse e promovesse uma totalidade “humana”. Tanto na escala de cada país como na escala mundial, não percebemos nada mais que fragmentos: fragmentos de cultura, fragmentos de ciências parcelares, sistemas ou “subsistemas” fragmentários. (p.79)

Também a respeito da fragmentação própria do cotidiano, Heller (2008) explica que a vida cotidiana é heterogênea em seus conteúdos e significados, sendo dividida em partes orgânicas como, por exemplo: “a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação” (p.32). Para a autora, a cotidianidade é marcada pela dispersão e pela heterogeneidade dos pensamentos e ocupações, em oposição aos momentos de suspensão, os quais, ao contrário, são caracterizados pela concentração, pela intensidade, pela homogeneidade das ações e pensamentos. A suspensão da cotidianidade (ou “homogeneização”) significa aqui: a) concentração de “nossa atenção sobre uma única questão”; b) emprego “de nossa inteira individualidade humana” na execução de uma tarefa; e c) a dissipação “da particularidade individual [...] na atividade humano-genérica que escolhemos consciente e autonomamente, isto é, enquanto indivíduos” (HELLER, 2008, p. 44).



4. Nesse caso, em relação ao papel da mídia, é válido recordar a crítica que Adorno e Horkheimer (1947) fazem à Indústria Cultural e sua tendência a se transformar em “profeta irrefutável da ordem existente” (p.69)

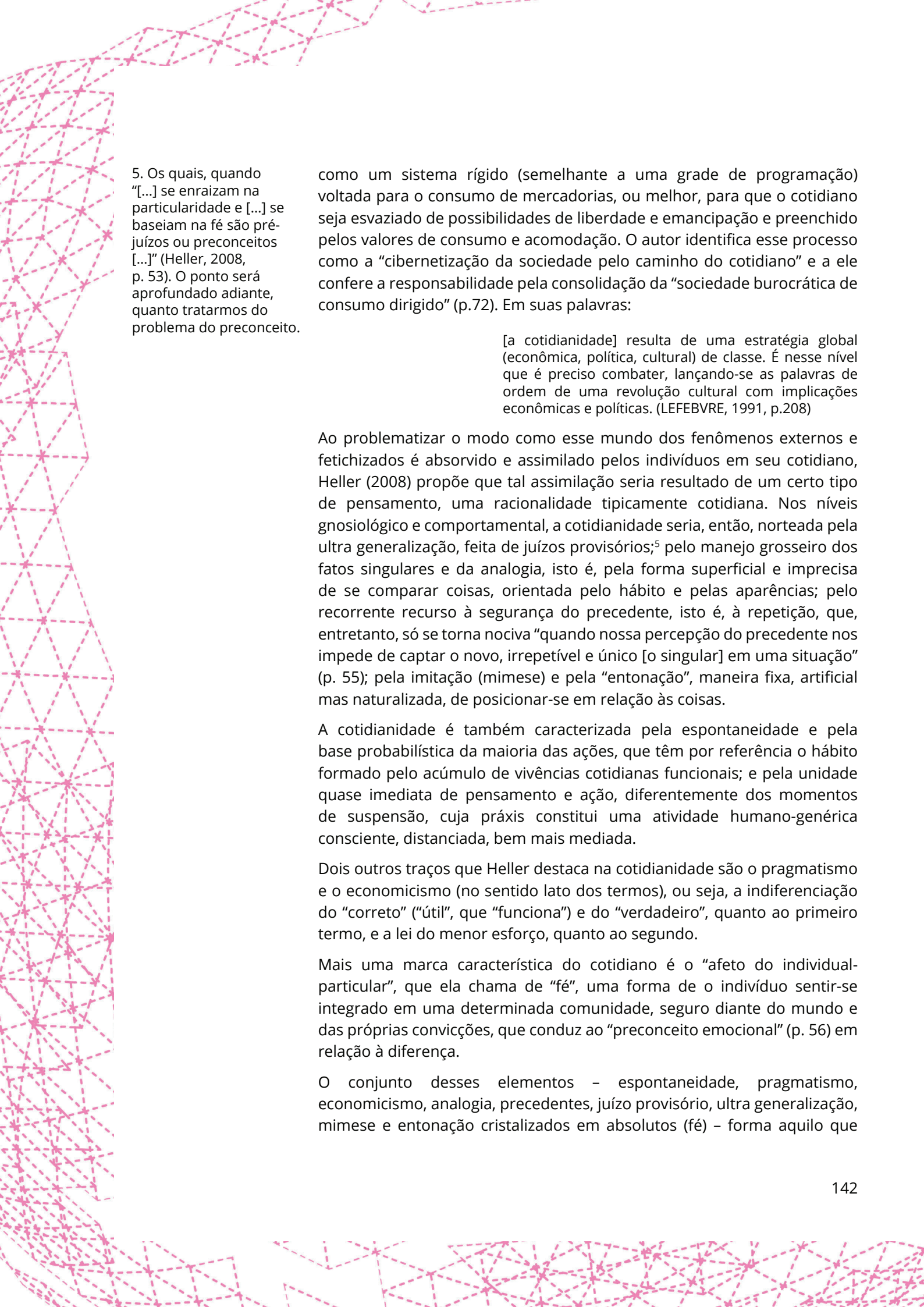
A heterogeneidade da vida cotidiana, para Heller, é transistórica, variando os pensamentos e atividades dispersos conforme hierarquizações determinadas por diferentes estruturas econômico-sociais. Assim, as pessoas, em sua rotina, dedicam-se na maior parte do tempo a diversas atividades e pensamentos imediatistas, desarticulados entre si, conforme a posição que ocupam em meio às relações de produção em cada época, em cada contexto. Essa hierquização de atividades e pensamentos parece “natural”, espontânea, embora um olhar perscrutador, característico da suspensão da cotidianidade, revele as determinações sócio históricas, em última instância econômicas, que estruturam estas hierarquias de fazeres e pensares. Esse caráter aparentemente espontâneo das hierarquias, contudo, contribui para o seu funcionamento regular.

Isso nos leva a pensar sobre outro fator que favorece a alienação na vida cotidiana, que é a sua aparência de realidade. Nos termos de Kosik (1963), o cotidiano corresponderia ao “mundo da pseudoconcreticidade”, um “claro-escuro de verdade e engano” (KOSIK, 1963, p.15) em que o indivíduo “se move em um sistema formado de aparelhos e equipamentos que ele próprio determinou e pelos quais é determinado, mas já há muito perdeu a consciência de que esse mundo é criação do homem” (ibid., p.71). Na mesma linha de pensamento, Lefebvre (1991) afirma, sobre o “sujeito da cotidianidade”, que:

O que ele verifica, o que ele percebe, o que ele vive, para ele é muito normal. Acontece aqui e agora. Para ele talvez não seja nem justo, nem justificável, mas é assim. As coisas são o que elas são. [...] Esse ser da cotidianidade vive numa dupla ilusão: a da transparência e da evidência (“é assim”) e a da realidade substancial (“não poderia ser diferente”). Assim se define a ilusão do imediato no cotidiano. (p.198)

Ou seja, na vida cotidiana as pessoas lidam com uma espécie de realidade “pronta e acabada”, como se esta fosse um conjunto de aparelhos (um sistema) passível de ser manejado (operado) por elas, mas cuja dinâmica de funcionamento elas desconhecem. Ou, mesmo quando conhecem, parece ser impossível de ser por elas desmontado ou reconstruído de maneira diferente. Daí a sensação de desencanto e passividade, como se em relação ao mundo existente coubesse apenas adaptar-se<sup>4</sup>.

Uma terceira e última causa da alienação típica da vida que gostaríamos de destacar neste trabalho tem a ver com a interpretação do cotidiano como objeto da organização social. Para Lefebvre (1991), as forças políticas e as relações sociais típicas das sociedades capitalistas convergem na orientação de consolidar o cotidiano, estruturá-lo e torná-lo funcional, não para o conjunto da sociedade, mas para a classe dominante. Na visão do autor, movida pelos objetivos do lucro e da acumulação – e também pelo terror da miséria e opressão que ela mesmo produz –, a classe dominante empreende esforços para que a vida cotidiana se confirme cada vez mais



5. Os quais, quando “[...] se enraizam na particularidade e [...] se baseiam na fé são pré-juízos ou preconceitos [...]” (Heller, 2008, p. 53). O ponto será aprofundado adiante, quanto tratarmos do problema do preconceito.

como um sistema rígido (semelhante a uma grade de programação) voltada para o consumo de mercadorias, ou melhor, para que o cotidiano seja esvaziado de possibilidades de liberdade e emancipação e preenchido pelos valores de consumo e acomodação. O autor identifica esse processo como a “cibernetização da sociedade pelo caminho do cotidiano” e a ele confere a responsabilidade pela consolidação da “sociedade burocrática de consumo dirigido” (p.72). Em suas palavras:

[a cotidianidade] resulta de uma estratégia global (econômica, política, cultural) de classe. É nesse nível que é preciso combater, lançando-se as palavras de ordem de uma revolução cultural com implicações econômicas e políticas. (LEFEBVRE, 1991, p.208)

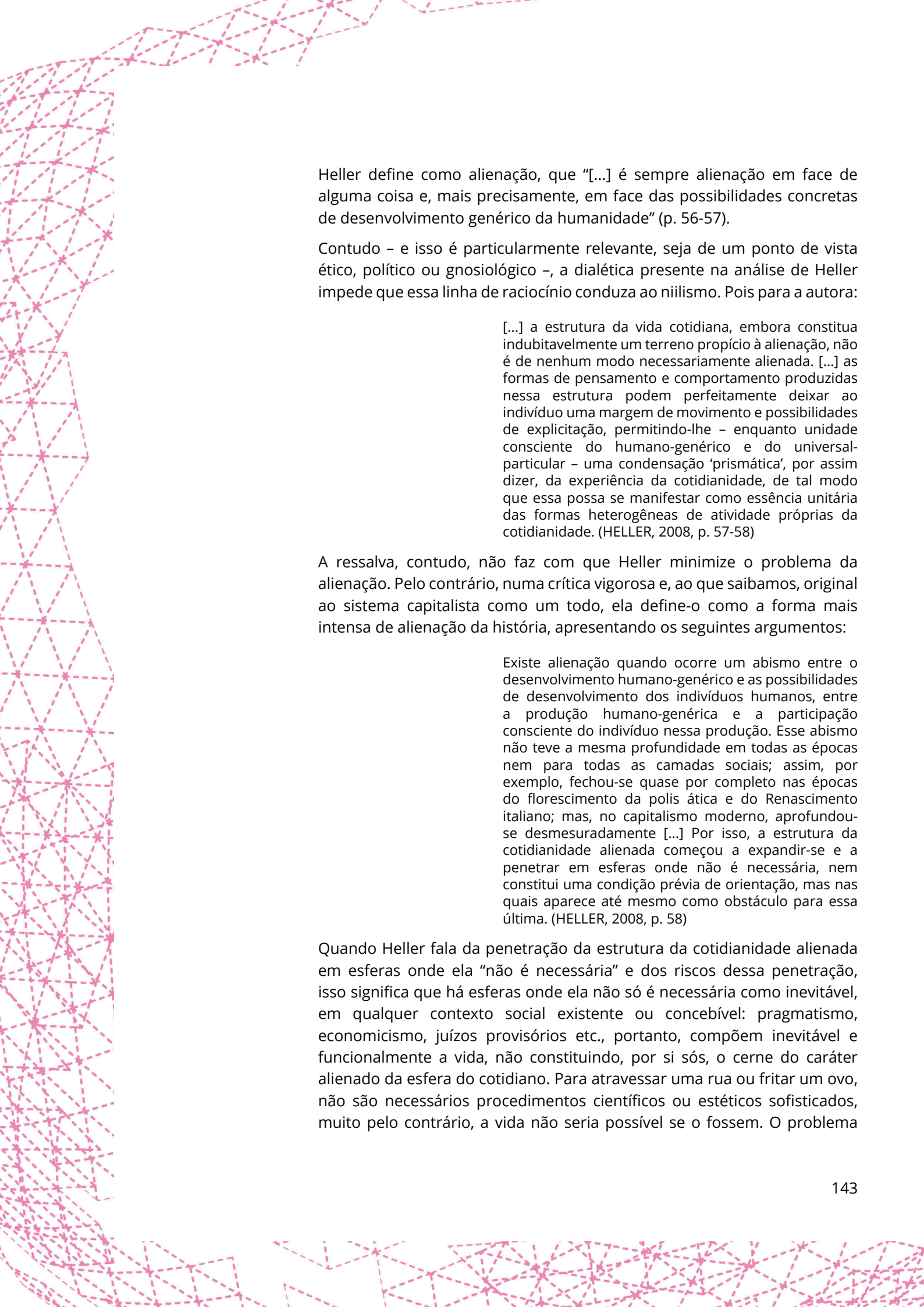
Ao problematizar o modo como esse mundo dos fenômenos externos e fetichizados é absorvido e assimilado pelos indivíduos em seu cotidiano, Heller (2008) propõe que tal assimilação seria resultado de um certo tipo de pensamento, uma racionalidade tipicamente cotidiana. Nos níveis gnosiológico e comportamental, a cotidianidade seria, então, norteadada pela ultra generalização, feita de juízos provisórios;<sup>5</sup> pelo manejo grosseiro dos fatos singulares e da analogia, isto é, pela forma superficial e imprecisa de se comparar coisas, orientada pelo hábito e pelas aparências; pelo recorrente recurso à segurança do precedente, isto é, à repetição, que, entretanto, só se torna nociva “quando nossa percepção do precedente nos impede de captar o novo, irrepetível e único [o singular] em uma situação” (p. 55); pela imitação (mimese) e pela “entonação”, maneira fixa, artificial mas naturalizada, de posicionar-se em relação às coisas.

A cotidianidade é também caracterizada pela espontaneidade e pela base probabilística da maioria das ações, que têm por referência o hábito formado pelo acúmulo de vivências cotidianas funcionais; e pela unidade quase imediata de pensamento e ação, diferentemente dos momentos de suspensão, cuja práxis constitui uma atividade humano-genérica consciente, distanciada, bem mais mediada.

Dois outros traços que Heller destaca na cotidianidade são o pragmatismo e o economicismo (no sentido lato dos termos), ou seja, a indiferenciação do “correto” (“útil”, que “funciona”) e do “verdadeiro”, quanto ao primeiro termo, e a lei do menor esforço, quanto ao segundo.

Mais uma marca característica do cotidiano é o “afeto do individual-particular”, que ela chama de “fé”, uma forma de o indivíduo sentir-se integrado em uma determinada comunidade, seguro diante do mundo e das próprias convicções, que conduz ao “preconceito emocional” (p. 56) em relação à diferença.

O conjunto desses elementos – espontaneidade, pragmatismo, economicismo, analogia, precedentes, juízo provisório, ultra generalização, mimese e entonação cristalizados em absolutos (fé) – forma aquilo que



Heller define como alienação, que “[...] é sempre alienação em face de alguma coisa e, mais precisamente, em face das possibilidades concretas de desenvolvimento genérico da humanidade” (p. 56-57).

Contudo – e isso é particularmente relevante, seja de um ponto de vista ético, político ou gnosiológico –, a dialética presente na análise de Heller impede que essa linha de raciocínio conduza ao niilismo. Pois para a autora:

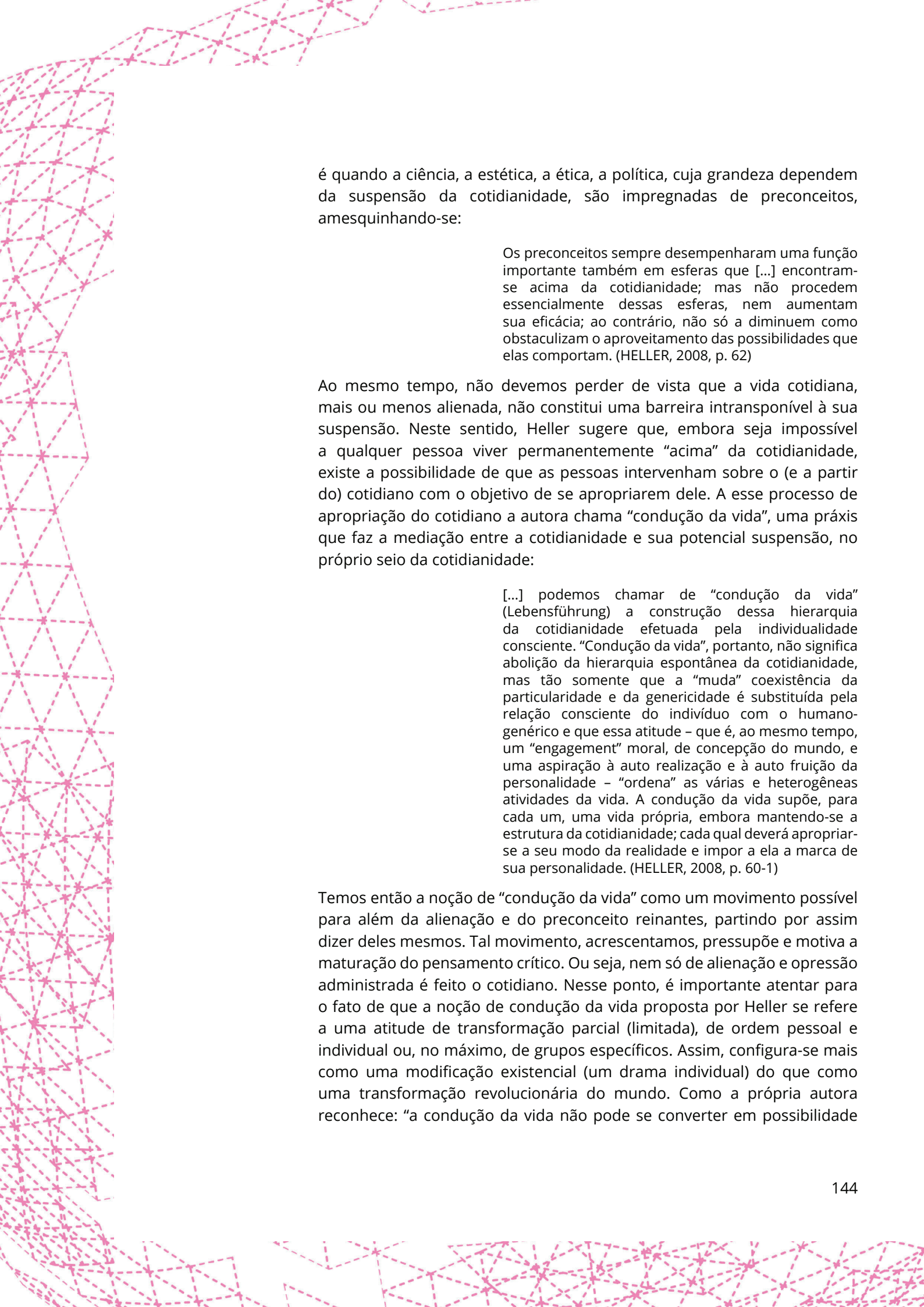
[...] a estrutura da vida cotidiana, embora constitua indubitavelmente um terreno propício à alienação, não é de nenhum modo necessariamente alienada. [...] as formas de pensamento e comportamento produzidas nessa estrutura podem perfeitamente deixar ao indivíduo uma margem de movimento e possibilidades de explicitação, permitindo-lhe – enquanto unidade consciente do humano-genérico e do universal-particular – uma condensação ‘prismática’, por assim dizer, da experiência da cotidianidade, de tal modo que essa possa se manifestar como essência unitária das formas heterogêneas de atividade próprias da cotidianidade. (HELLER, 2008, p. 57-58)

A ressalva, contudo, não faz com que Heller minimize o problema da alienação. Pelo contrário, numa crítica vigorosa e, ao que sabemos, original ao sistema capitalista como um todo, ela define-o como a forma mais intensa de alienação da história, apresentando os seguintes argumentos:

Existe alienação quando ocorre um abismo entre o desenvolvimento humano-genérico e as possibilidades de desenvolvimento dos indivíduos humanos, entre a produção humano-genérica e a participação consciente do indivíduo nessa produção. Esse abismo não teve a mesma profundidade em todas as épocas nem para todas as camadas sociais; assim, por exemplo, fechou-se quase por completo nas épocas do florescimento da polis ática e do Renascimento italiano; mas, no capitalismo moderno, aprofundou-se desmesuradamente [...] Por isso, a estrutura da cotidianidade alienada começou a expandir-se e a penetrar em esferas onde não é necessária, nem constitui uma condição prévia de orientação, mas nas quais aparece até mesmo como obstáculo para essa última. (HELLER, 2008, p. 58)

Quando Heller fala da penetração da estrutura da cotidianidade alienada em esferas onde ela “não é necessária” e dos riscos dessa penetração, isso significa que há esferas onde ela não só é necessária como inevitável, em qualquer contexto social existente ou concebível: pragmatismo, economicismo, juízos provisórios etc., portanto, compõem inevitável e funcionalmente a vida, não constituindo, por si sós, o cerne do caráter alienado da esfera do cotidiano. Para atravessar uma rua ou fritar um ovo, não são necessários procedimentos científicos ou estéticos sofisticados, muito pelo contrário, a vida não seria possível se o fossem. O problema





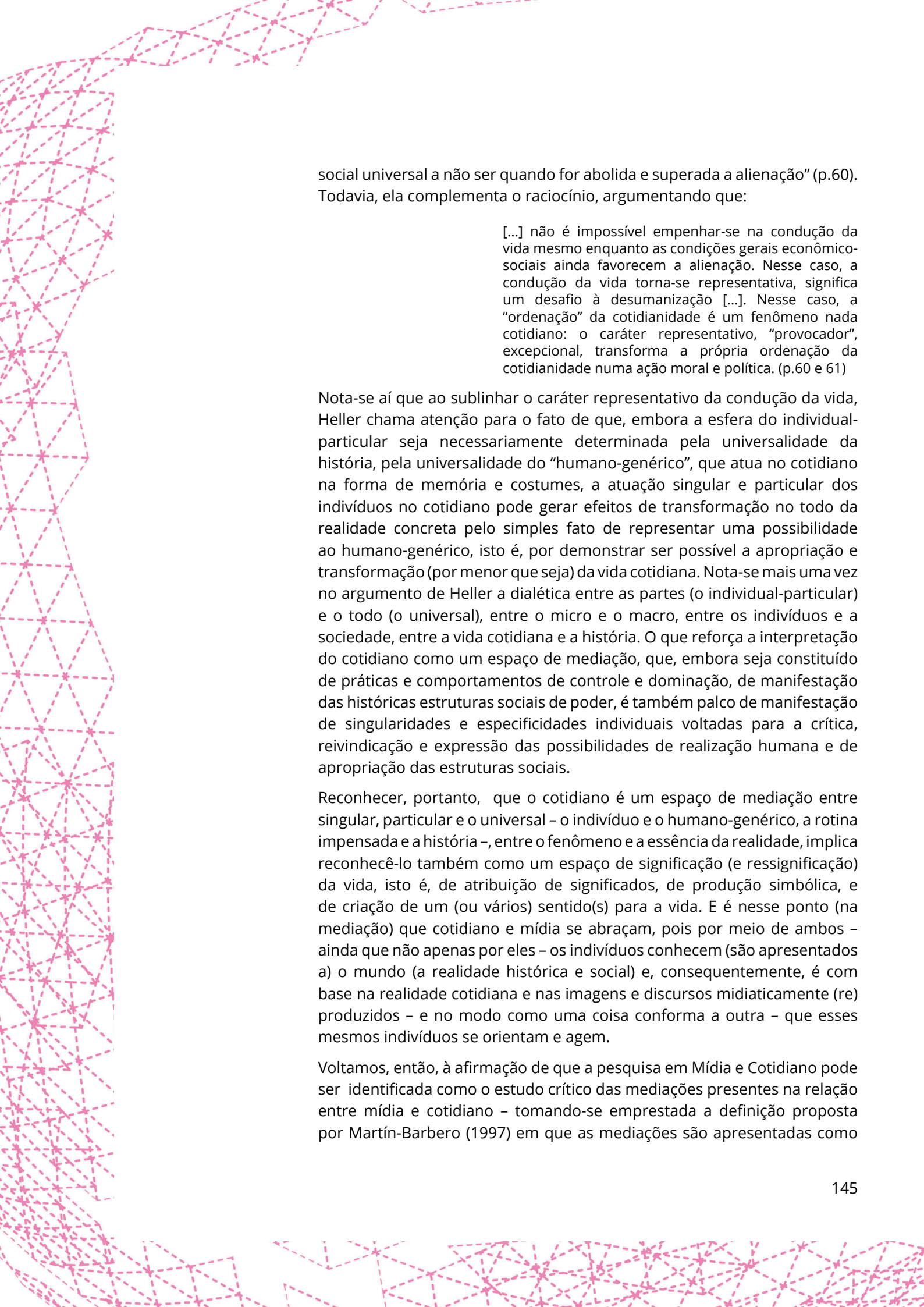
é quando a ciência, a estética, a ética, a política, cuja grandeza dependem da suspensão da cotidianidade, são impregnadas de preconceitos, amesquinhando-se:

Os preconceitos sempre desempenharam uma função importante também em esferas que [...] encontram-se acima da cotidianidade; mas não procedem essencialmente dessas esferas, nem aumentam sua eficácia; ao contrário, não só a diminuem como obstaculizam o aproveitamento das possibilidades que elas comportam. (HELLER, 2008, p. 62)

Ao mesmo tempo, não devemos perder de vista que a vida cotidiana, mais ou menos alienada, não constitui uma barreira intransponível à sua suspensão. Neste sentido, Heller sugere que, embora seja impossível a qualquer pessoa viver permanentemente “acima” da cotidianidade, existe a possibilidade de que as pessoas intervenham sobre o (e a partir do) cotidiano com o objetivo de se apropriarem dele. A esse processo de apropriação do cotidiano a autora chama “condução da vida”, uma práxis que faz a mediação entre a cotidianidade e sua potencial suspensão, no próprio seio da cotidianidade:

[...] podemos chamar de “condução da vida” (Lebensführung) a construção dessa hierarquia da cotidianidade efetuada pela individualidade consciente. “Condução da vida”, portanto, não significa abolição da hierarquia espontânea da cotidianidade, mas tão somente que a “muda” coexistência da particularidade e da genericidade é substituída pela relação consciente do indivíduo com o humano-genérico e que essa atitude – que é, ao mesmo tempo, um “engagement” moral, de concepção do mundo, e uma aspiração à auto realização e à auto fruição da personalidade – “ordena” as várias e heterogêneas atividades da vida. A condução da vida supõe, para cada um, uma vida própria, embora mantendo-se a estrutura da cotidianidade; cada qual deverá apropriar-se a seu modo da realidade e impor a ela a marca de sua personalidade. (HELLER, 2008, p. 60-1)

Temos então a noção de “condução da vida” como um movimento possível para além da alienação e do preconceito reinantes, partindo por assim dizer deles mesmos. Tal movimento, acrescentamos, pressupõe e motiva a maturação do pensamento crítico. Ou seja, nem só de alienação e opressão administrada é feito o cotidiano. Nesse ponto, é importante atentar para o fato de que a noção de condução da vida proposta por Heller se refere a uma atitude de transformação parcial (limitada), de ordem pessoal e individual ou, no máximo, de grupos específicos. Assim, configura-se mais como uma modificação existencial (um drama individual) do que como uma transformação revolucionária do mundo. Como a própria autora reconhece: “a condução da vida não pode se converter em possibilidade



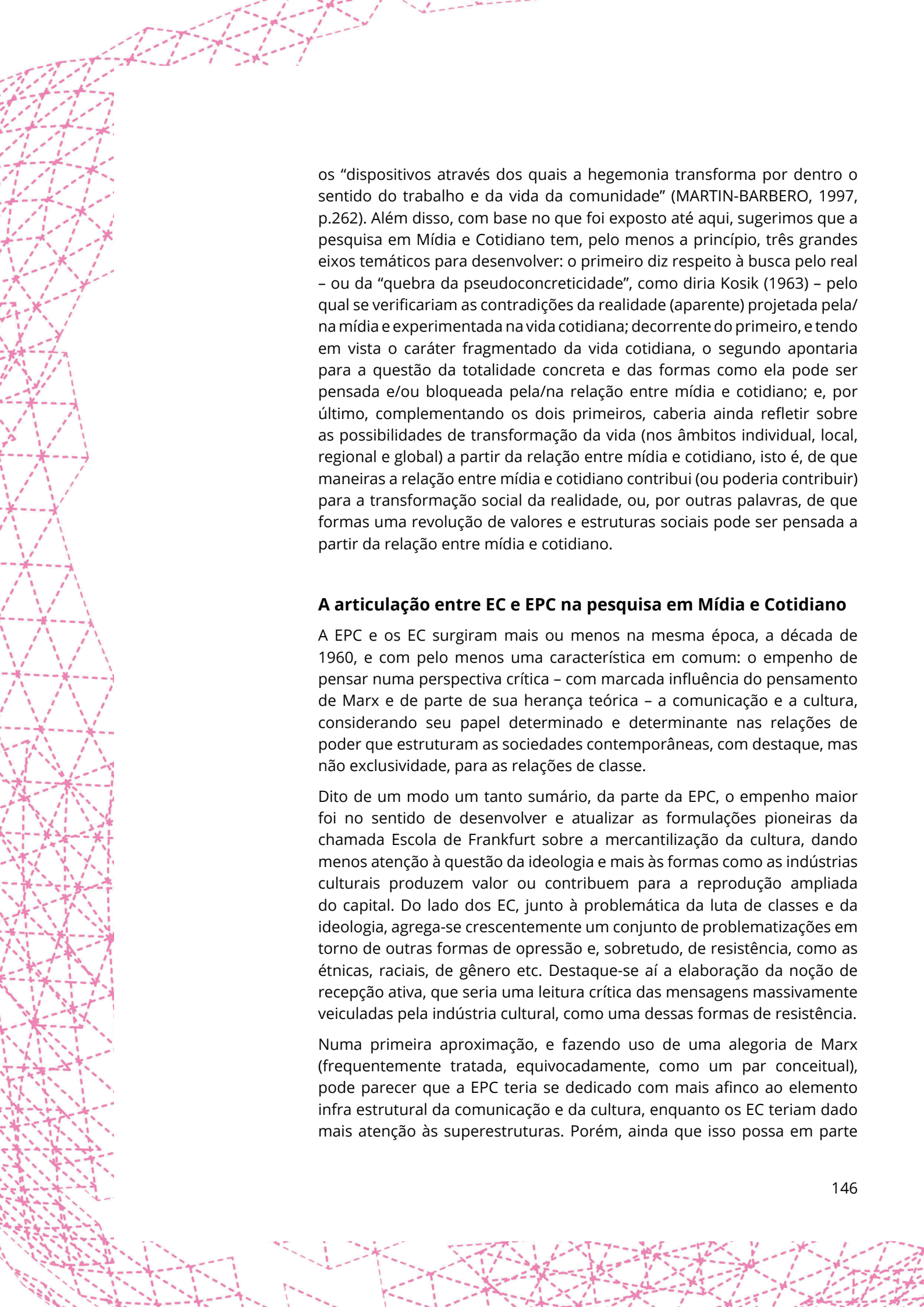
social universal a não ser quando for abolida e superada a alienação” (p.60). Todavia, ela complementa o raciocínio, argumentando que:

[...] não é impossível empenhar-se na condução da vida mesmo enquanto as condições gerais econômico-sociais ainda favorecem a alienação. Nesse caso, a condução da vida torna-se representativa, significa um desafio à desumanização [...]. Nesse caso, a “ordenação” da cotidianidade é um fenômeno nada cotidiano: o caráter representativo, “provocador”, excepcional, transforma a própria ordenação da cotidianidade numa ação moral e política. (p.60 e 61)

Nota-se aí que ao sublinhar o caráter representativo da condução da vida, Heller chama atenção para o fato de que, embora a esfera do individual-particular seja necessariamente determinada pela universalidade da história, pela universalidade do “humano-genérico”, que atua no cotidiano na forma de memória e costumes, a atuação singular e particular dos indivíduos no cotidiano pode gerar efeitos de transformação no todo da realidade concreta pelo simples fato de representar uma possibilidade ao humano-genérico, isto é, por demonstrar ser possível a apropriação e transformação (por menor que seja) da vida cotidiana. Nota-se mais uma vez no argumento de Heller a dialética entre as partes (o individual-particular) e o todo (o universal), entre o micro e o macro, entre os indivíduos e a sociedade, entre a vida cotidiana e a história. O que reforça a interpretação do cotidiano como um espaço de mediação, que, embora seja constituído de práticas e comportamentos de controle e dominação, de manifestação das históricas estruturas sociais de poder, é também palco de manifestação de singularidades e especificidades individuais voltadas para a crítica, reivindicação e expressão das possibilidades de realização humana e de apropriação das estruturas sociais.

Reconhecer, portanto, que o cotidiano é um espaço de mediação entre singular, particular e o universal – o indivíduo e o humano-genérico, a rotina impensada e a história –, entre o fenômeno e a essência da realidade, implica reconhecê-lo também como um espaço de significação (e ressignificação) da vida, isto é, de atribuição de significados, de produção simbólica, e de criação de um (ou vários) sentido(s) para a vida. E é nesse ponto (na mediação) que cotidiano e mídia se abraçam, pois por meio de ambos – ainda que não apenas por eles – os indivíduos conhecem (são apresentados a) o mundo (a realidade histórica e social) e, conseqüentemente, é com base na realidade cotidiana e nas imagens e discursos midiaticamente (re) produzidos – e no modo como uma coisa conforma a outra – que esses mesmos indivíduos se orientam e agem.

Voltamos, então, à afirmação de que a pesquisa em Mídia e Cotidiano pode ser identificada como o estudo crítico das mediações presentes na relação entre mídia e cotidiano – tomando-se emprestada a definição proposta por Martín-Barbero (1997) em que as mediações são apresentadas como



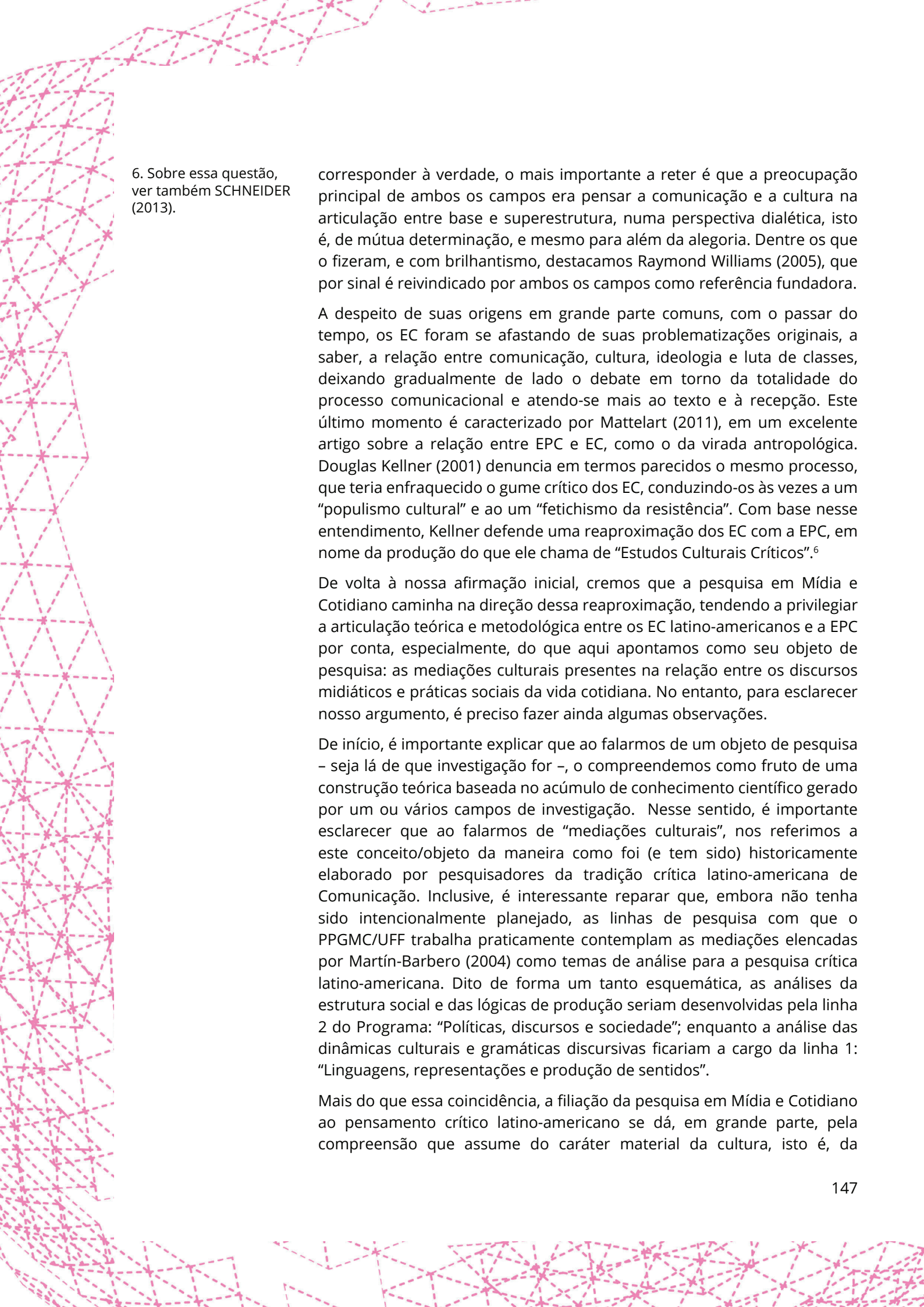
os “dispositivos através dos quais a hegemonia transforma por dentro o sentido do trabalho e da vida da comunidade” (MARTIN-BARBERO, 1997, p.262). Além disso, com base no que foi exposto até aqui, sugerimos que a pesquisa em Mídia e Cotidiano tem, pelo menos a princípio, três grandes eixos temáticos para desenvolver: o primeiro diz respeito à busca pelo real – ou da “quebra da pseudoconcreticidade”, como diria Kosik (1963) – pelo qual se verificariam as contradições da realidade (aparente) projetada pela/na mídia e experimentada na vida cotidiana; decorrente do primeiro, e tendo em vista o caráter fragmentado da vida cotidiana, o segundo apontaria para a questão da totalidade concreta e das formas como ela pode ser pensada e/ou bloqueada pela/na relação entre mídia e cotidiano; e, por último, complementando os dois primeiros, caberia ainda refletir sobre as possibilidades de transformação da vida (nos âmbitos individual, local, regional e global) a partir da relação entre mídia e cotidiano, isto é, de que maneiras a relação entre mídia e cotidiano contribui (ou poderia contribuir) para a transformação social da realidade, ou, por outras palavras, de que formas uma revolução de valores e estruturas sociais pode ser pensada a partir da relação entre mídia e cotidiano.

### **A articulação entre EC e EPC na pesquisa em Mídia e Cotidiano**

A EPC e os EC surgiram mais ou menos na mesma época, a década de 1960, e com pelo menos uma característica em comum: o empenho de pensar numa perspectiva crítica – com marcada influência do pensamento de Marx e de parte de sua herança teórica – a comunicação e a cultura, considerando seu papel determinado e determinante nas relações de poder que estruturam as sociedades contemporâneas, com destaque, mas não exclusividade, para as relações de classe.

Dito de um modo um tanto sumário, da parte da EPC, o empenho maior foi no sentido de desenvolver e atualizar as formulações pioneiras da chamada Escola de Frankfurt sobre a mercantilização da cultura, dando menos atenção à questão da ideologia e mais às formas como as indústrias culturais produzem valor ou contribuem para a reprodução ampliada do capital. Do lado dos EC, junto à problemática da luta de classes e da ideologia, agrega-se crescentemente um conjunto de problematizações em torno de outras formas de opressão e, sobretudo, de resistência, como as étnicas, raciais, de gênero etc. Destaque-se aí a elaboração da noção de recepção ativa, que seria uma leitura crítica das mensagens massivamente veiculadas pela indústria cultural, como uma dessas formas de resistência.

Numa primeira aproximação, e fazendo uso de uma alegoria de Marx (frequentemente tratada, equivocadamente, como um par conceitual), pode parecer que a EPC teria se dedicado com mais afinco ao elemento infra estrutural da comunicação e da cultura, enquanto os EC teriam dado mais atenção às superestruturas. Porém, ainda que isso possa em parte



6. Sobre essa questão, ver também SCHNEIDER (2013).

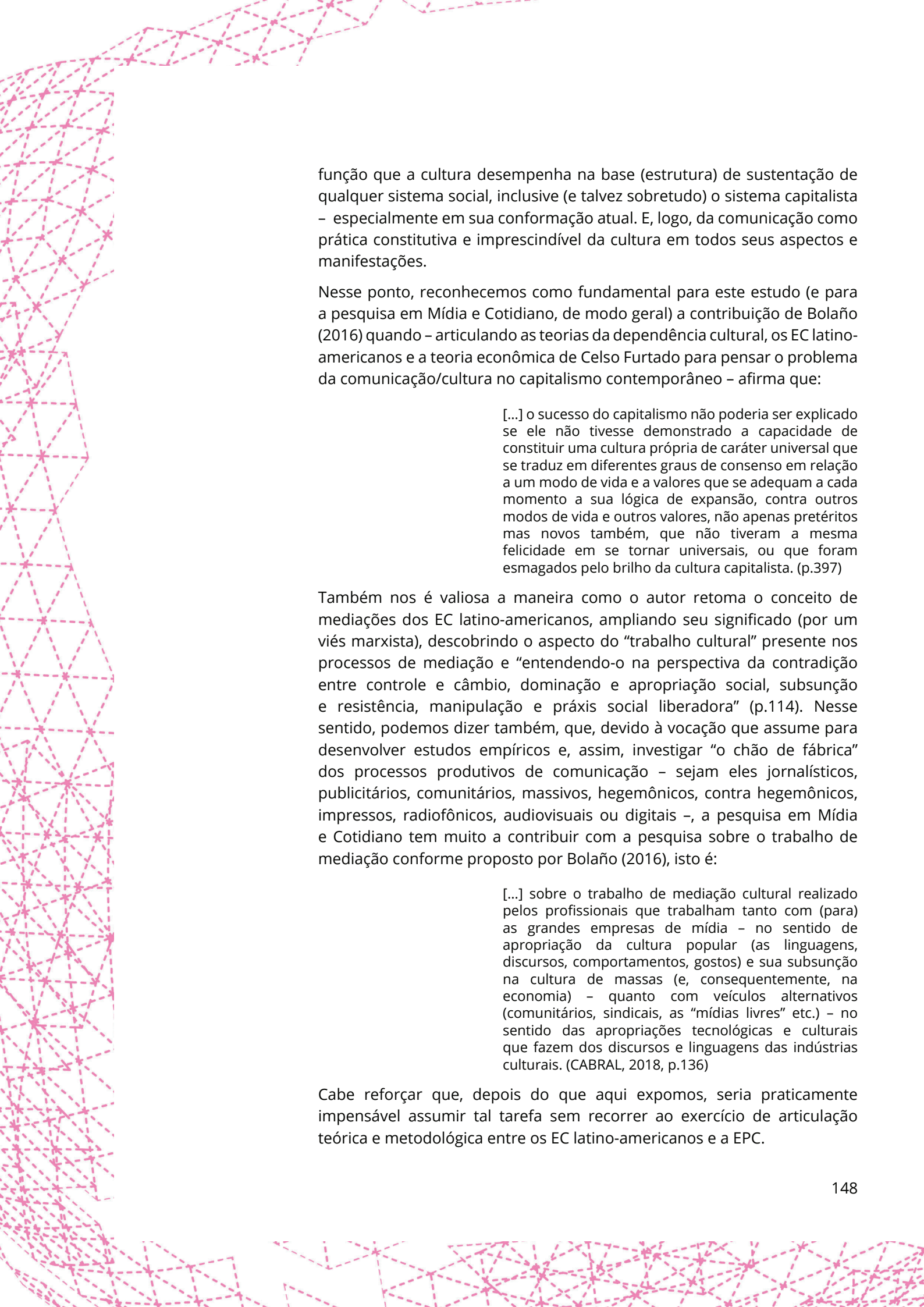
corresponder à verdade, o mais importante a reter é que a preocupação principal de ambos os campos era pensar a comunicação e a cultura na articulação entre base e superestrutura, numa perspectiva dialética, isto é, de mútua determinação, e mesmo para além da alegoria. Dentre os que o fizeram, e com brilhantismo, destacamos Raymond Williams (2005), que por sinal é reivindicado por ambos os campos como referência fundadora.

A despeito de suas origens em grande parte comuns, com o passar do tempo, os EC foram se afastando de suas problematizações originais, a saber, a relação entre comunicação, cultura, ideologia e luta de classes, deixando gradualmente de lado o debate em torno da totalidade do processo comunicacional e atendo-se mais ao texto e à recepção. Este último momento é caracterizado por Mattelart (2011), em um excelente artigo sobre a relação entre EPC e EC, como o da virada antropológica. Douglas Kellner (2001) denuncia em termos parecidos o mesmo processo, que teria enfraquecido o gume crítico dos EC, conduzindo-os às vezes a um “populismo cultural” e ao um “fetichismo da resistência”. Com base nesse entendimento, Kellner defende uma reaproximação dos EC com a EPC, em nome da produção do que ele chama de “Estudos Culturais Críticos”.<sup>6</sup>

De volta à nossa afirmação inicial, cremos que a pesquisa em Mídia e Cotidiano caminha na direção dessa reaproximação, tendendo a privilegiar a articulação teórica e metodológica entre os EC latino-americanos e a EPC por conta, especialmente, do que aqui apontamos como seu objeto de pesquisa: as mediações culturais presentes na relação entre os discursos midiáticos e práticas sociais da vida cotidiana. No entanto, para esclarecer nosso argumento, é preciso fazer ainda algumas observações.

De início, é importante explicar que ao falarmos de um objeto de pesquisa – seja lá de que investigação for –, o compreendemos como fruto de uma construção teórica baseada no acúmulo de conhecimento científico gerado por um ou vários campos de investigação. Nesse sentido, é importante esclarecer que ao falarmos de “mediações culturais”, nos referimos a este conceito/objeto da maneira como foi (e tem sido) historicamente elaborado por pesquisadores da tradição crítica latino-americana de Comunicação. Inclusive, é interessante reparar que, embora não tenha sido intencionalmente planejado, as linhas de pesquisa com que o PPGMC/UFF trabalha praticamente contemplam as mediações elencadas por Martín-Barbero (2004) como temas de análise para a pesquisa crítica latino-americana. Dito de forma um tanto esquemática, as análises da estrutura social e das lógicas de produção seriam desenvolvidas pela linha 2 do Programa: “Políticas, discursos e sociedade”; enquanto a análise das dinâmicas culturais e gramáticas discursivas ficariam a cargo da linha 1: “Linguagens, representações e produção de sentidos”.

Mais do que essa coincidência, a filiação da pesquisa em Mídia e Cotidiano ao pensamento crítico latino-americano se dá, em grande parte, pela compreensão que assume do caráter material da cultura, isto é, da



função que a cultura desempenha na base (estrutura) de sustentação de qualquer sistema social, inclusive (e talvez sobretudo) o sistema capitalista – especialmente em sua conformação atual. E, logo, da comunicação como prática constitutiva e imprescindível da cultura em todos seus aspectos e manifestações.

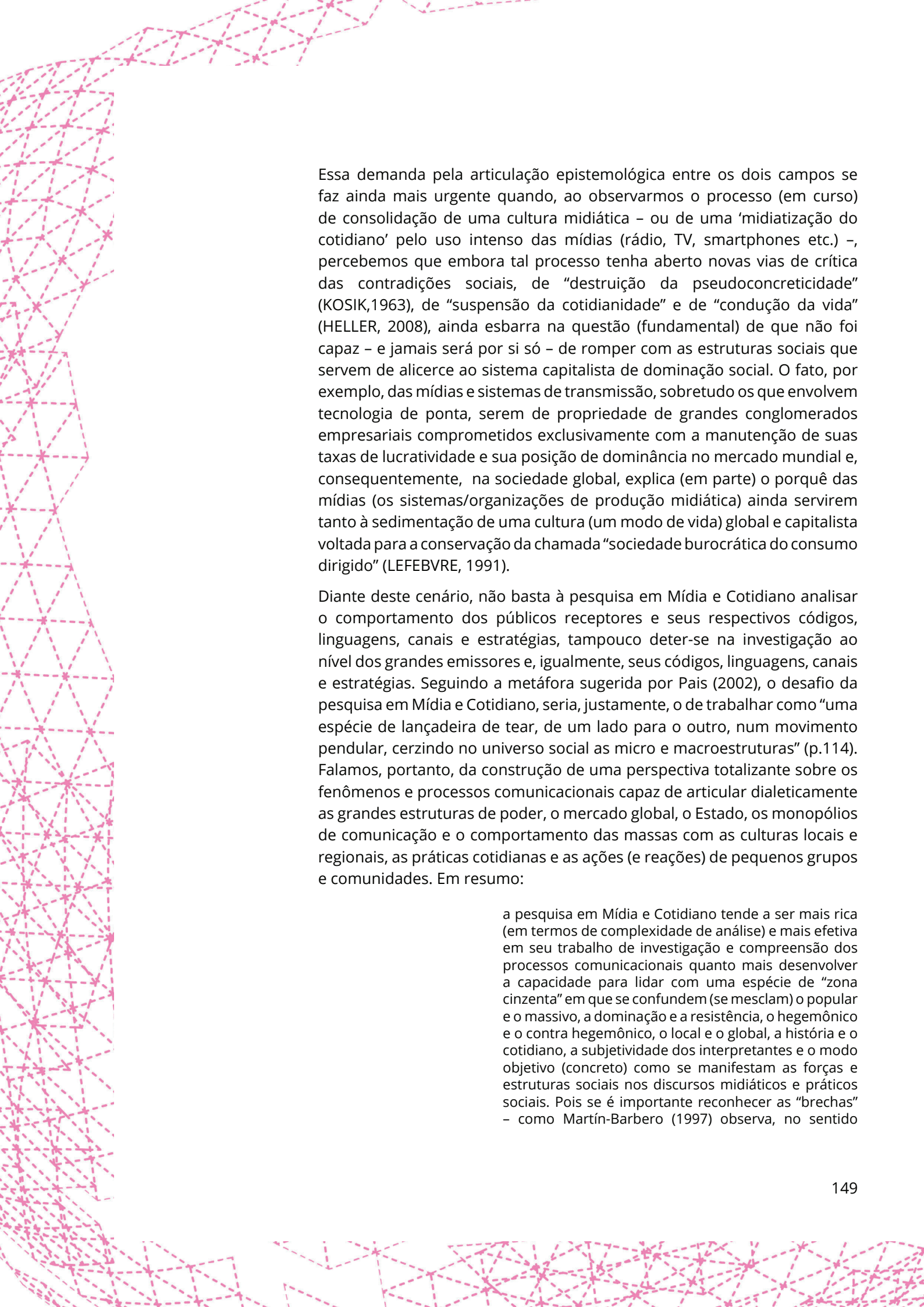
Nesse ponto, reconhecemos como fundamental para este estudo (e para a pesquisa em Mídia e Cotidiano, de modo geral) a contribuição de Bolaño (2016) quando – articulando as teorias da dependência cultural, os EC latino-americanos e a teoria econômica de Celso Furtado para pensar o problema da comunicação/cultura no capitalismo contemporâneo – afirma que:

[...] o sucesso do capitalismo não poderia ser explicado se ele não tivesse demonstrado a capacidade de constituir uma cultura própria de caráter universal que se traduz em diferentes graus de consenso em relação a um modo de vida e a valores que se adequam a cada momento a sua lógica de expansão, contra outros modos de vida e outros valores, não apenas pretéritos mas novos também, que não tiveram a mesma felicidade em se tornar universais, ou que foram esmagados pelo brilho da cultura capitalista. (p.397)

Também nos é valiosa a maneira como o autor retoma o conceito de mediações dos EC latino-americanos, ampliando seu significado (por um viés marxista), descobrindo o aspecto do “trabalho cultural” presente nos processos de mediação e “entendendo-o na perspectiva da contradição entre controle e câmbio, dominação e apropriação social, subsunção e resistência, manipulação e práxis social liberadora” (p.114). Nesse sentido, podemos dizer também, que, devido à vocação que assume para desenvolver estudos empíricos e, assim, investigar “o chão de fábrica” dos processos produtivos de comunicação – sejam eles jornalísticos, publicitários, comunitários, massivos, hegemônicos, contra hegemônicos, impressos, radiofônicos, audiovisuais ou digitais –, a pesquisa em Mídia e Cotidiano tem muito a contribuir com a pesquisa sobre o trabalho de mediação conforme proposto por Bolaño (2016), isto é:

[...] sobre o trabalho de mediação cultural realizado pelos profissionais que trabalham tanto com (para) as grandes empresas de mídia – no sentido de apropriação da cultura popular (as linguagens, discursos, comportamentos, gostos) e sua subsunção na cultura de massas (e, conseqüentemente, na economia) – quanto com veículos alternativos (comunitários, sindicais, as “mídias livres” etc.) – no sentido das apropriações tecnológicas e culturais que fazem dos discursos e linguagens das indústrias culturais. (CABRAL, 2018, p.136)

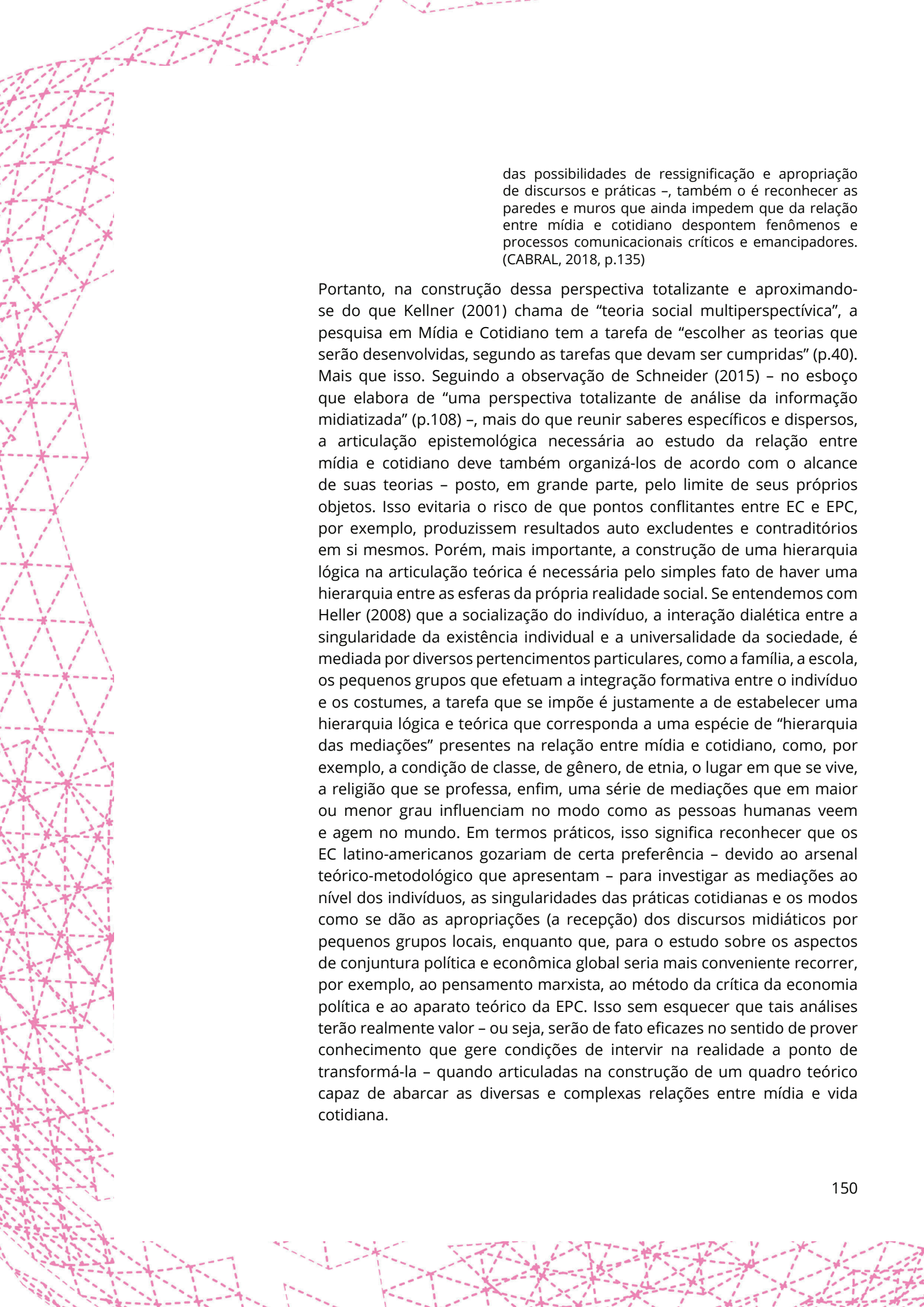
Cabe reforçar que, depois do que aqui expomos, seria praticamente impensável assumir tal tarefa sem recorrer ao exercício de articulação teórica e metodológica entre os EC latino-americanos e a EPC.



Essa demanda pela articulação epistemológica entre os dois campos se faz ainda mais urgente quando, ao observarmos o processo (em curso) de consolidação de uma cultura midiática – ou de uma ‘mídiatização do cotidiano’ pelo uso intenso das mídias (rádio, TV, smartphones etc.) –, percebemos que embora tal processo tenha aberto novas vias de crítica das contradições sociais, de “destruição da pseudoconcreticidade” (KOSIK, 1963), de “suspensão da cotidianidade” e de “condução da vida” (HELLER, 2008), ainda esbarra na questão (fundamental) de que não foi capaz – e jamais será por si só – de romper com as estruturas sociais que servem de alicerce ao sistema capitalista de dominação social. O fato, por exemplo, das mídias e sistemas de transmissão, sobretudo os que envolvem tecnologia de ponta, serem de propriedade de grandes conglomerados empresariais comprometidos exclusivamente com a manutenção de suas taxas de lucratividade e sua posição de dominância no mercado mundial e, conseqüentemente, na sociedade global, explica (em parte) o porquê das mídias (os sistemas/organizações de produção midiática) ainda servirem tanto à sedimentação de uma cultura (um modo de vida) global e capitalista voltada para a conservação da chamada “sociedade burocrática do consumo dirigido” (LEFEBVRE, 1991).

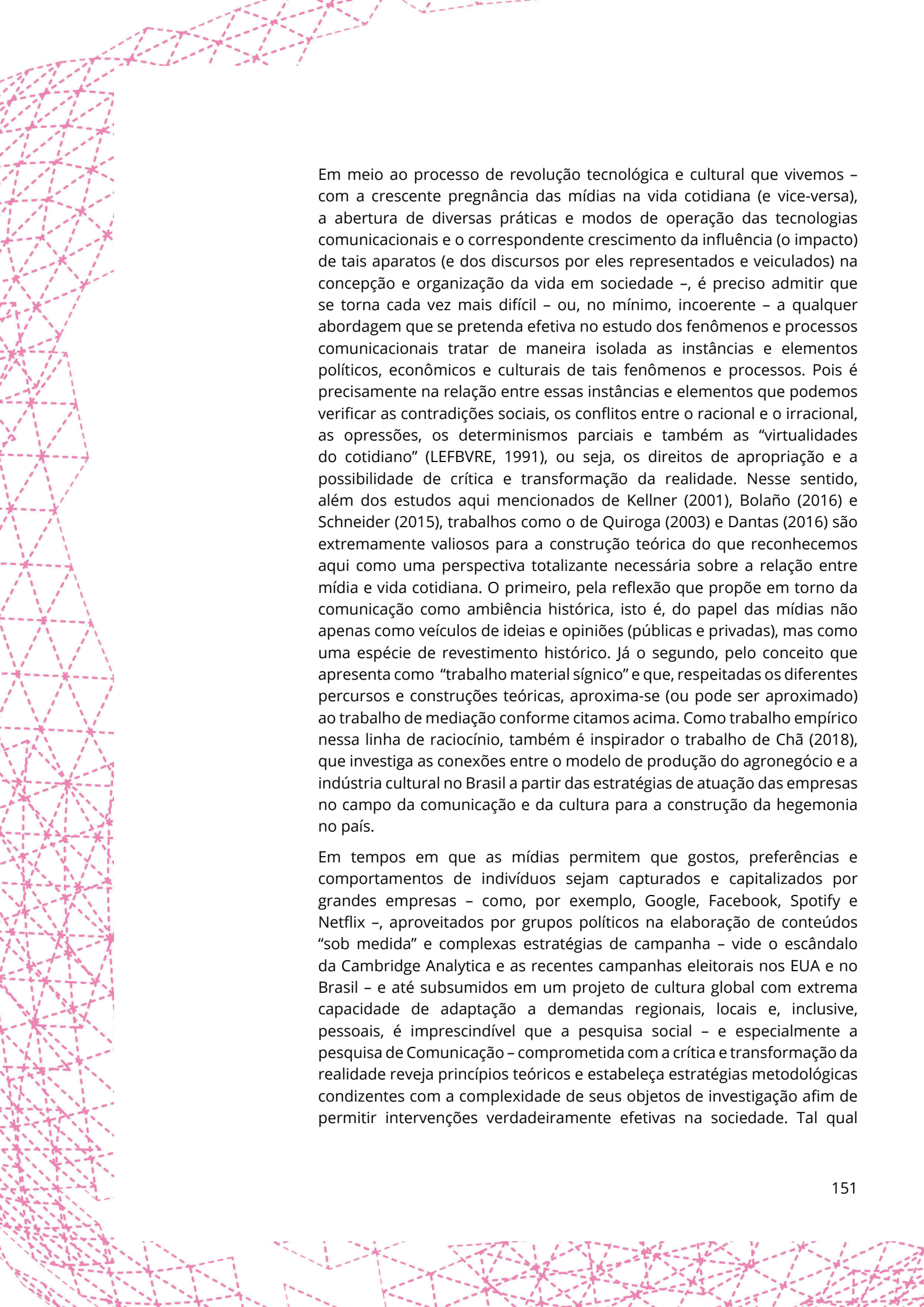
Diante deste cenário, não basta à pesquisa em Mídia e Cotidiano analisar o comportamento dos públicos receptores e seus respectivos códigos, linguagens, canais e estratégias, tampouco deter-se na investigação ao nível dos grandes emissores e, igualmente, seus códigos, linguagens, canais e estratégias. Seguindo a metáfora sugerida por Pais (2002), o desafio da pesquisa em Mídia e Cotidiano, seria, justamente, o de trabalhar como “uma espécie de lançadeira de tear, de um lado para o outro, num movimento pendular, cerzindo no universo social as micro e macroestruturas” (p.114). Falamos, portanto, da construção de uma perspectiva totalizante sobre os fenômenos e processos comunicacionais capaz de articular dialeticamente as grandes estruturas de poder, o mercado global, o Estado, os monopólios de comunicação e o comportamento das massas com as culturas locais e regionais, as práticas cotidianas e as ações (e reações) de pequenos grupos e comunidades. Em resumo:

a pesquisa em Mídia e Cotidiano tende a ser mais rica (em termos de complexidade de análise) e mais efetiva em seu trabalho de investigação e compreensão dos processos comunicacionais quanto mais desenvolver a capacidade para lidar com uma espécie de “zona cinzenta” em que se confundem (se mesclam) o popular e o massivo, a dominação e a resistência, o hegemônico e o contra hegemônico, o local e o global, a história e o cotidiano, a subjetividade dos interpretantes e o modo objetivo (concreto) como se manifestam as forças e estruturas sociais nos discursos midiáticos e práticos sociais. Pois se é importante reconhecer as “brechas” – como Martín-Barbero (1997) observa, no sentido



das possibilidades de ressignificação e apropriação de discursos e práticas –, também o é reconhecer as paredes e muros que ainda impedem que da relação entre mídia e cotidiano desponham fenômenos e processos comunicacionais críticos e emancipadores. (CABRAL, 2018, p.135)

Portanto, na construção dessa perspectiva totalizante e aproximando-se do que Kellner (2001) chama de “teoria social multiperspectívica”, a pesquisa em Mídia e Cotidiano tem a tarefa de “escolher as teorias que serão desenvolvidas, segundo as tarefas que devam ser cumpridas” (p.40). Mais que isso. Seguindo a observação de Schneider (2015) – no esboço que elabora de “uma perspectiva totalizante de análise da informação midiaticizada” (p.108) –, mais do que reunir saberes específicos e dispersos, a articulação epistemológica necessária ao estudo da relação entre mídia e cotidiano deve também organizá-los de acordo com o alcance de suas teorias – posto, em grande parte, pelo limite de seus próprios objetos. Isso evitaria o risco de que pontos conflitantes entre EC e EPC, por exemplo, produzissem resultados auto excludentes e contraditórios em si mesmos. Porém, mais importante, a construção de uma hierarquia lógica na articulação teórica é necessária pelo simples fato de haver uma hierarquia entre as esferas da própria realidade social. Se entendemos com Heller (2008) que a socialização do indivíduo, a interação dialética entre a singularidade da existência individual e a universalidade da sociedade, é mediada por diversos pertencimentos particulares, como a família, a escola, os pequenos grupos que efetuam a integração formativa entre o indivíduo e os costumes, a tarefa que se impõe é justamente a de estabelecer uma hierarquia lógica e teórica que corresponda a uma espécie de “hierarquia das mediações” presentes na relação entre mídia e cotidiano, como, por exemplo, a condição de classe, de gênero, de etnia, o lugar em que se vive, a religião que se professa, enfim, uma série de mediações que em maior ou menor grau influenciam no modo como as pessoas humanas veem e agem no mundo. Em termos práticos, isso significa reconhecer que os EC latino-americanos gozariam de certa preferência – devido ao arsenal teórico-metodológico que apresentam – para investigar as mediações ao nível dos indivíduos, as singularidades das práticas cotidianas e os modos como se dão as apropriações (a recepção) dos discursos midiáticos por pequenos grupos locais, enquanto que, para o estudo sobre os aspectos de conjuntura política e econômica global seria mais conveniente recorrer, por exemplo, ao pensamento marxista, ao método da crítica da economia política e ao aparato teórico da EPC. Isso sem esquecer que tais análises terão realmente valor – ou seja, serão de fato eficazes no sentido de prover conhecimento que gere condições de intervir na realidade a ponto de transformá-la – quando articuladas na construção de um quadro teórico capaz de abarcar as diversas e complexas relações entre mídia e vida cotidiana.



Em meio ao processo de revolução tecnológica e cultural que vivemos – com a crescente pregnância das mídias na vida cotidiana (e vice-versa), a abertura de diversas práticas e modos de operação das tecnologias comunicacionais e o correspondente crescimento da influência (o impacto) de tais aparatos (e dos discursos por eles representados e veiculados) na concepção e organização da vida em sociedade –, é preciso admitir que se torna cada vez mais difícil – ou, no mínimo, incoerente – a qualquer abordagem que se pretenda efetiva no estudo dos fenômenos e processos comunicacionais tratar de maneira isolada as instâncias e elementos políticos, econômicos e culturais de tais fenômenos e processos. Pois é precisamente na relação entre essas instâncias e elementos que podemos verificar as contradições sociais, os conflitos entre o racional e o irracional, as opressões, os determinismos parciais e também as “virtualidades do cotidiano” (LEFBVRE, 1991), ou seja, os direitos de apropriação e a possibilidade de crítica e transformação da realidade. Nesse sentido, além dos estudos aqui mencionados de Kellner (2001), Bolaño (2016) e Schneider (2015), trabalhos como o de Quiroga (2003) e Dantas (2016) são extremamente valiosos para a construção teórica do que reconhecemos aqui como uma perspectiva totalizante necessária sobre a relação entre mídia e vida cotidiana. O primeiro, pela reflexão que propõe em torno da comunicação como ambiência histórica, isto é, do papel das mídias não apenas como veículos de ideias e opiniões (públicas e privadas), mas como uma espécie de revestimento histórico. Já o segundo, pelo conceito que apresenta como “trabalho material sógnico” e que, respeitadas os diferentes percursos e construções teóricas, aproxima-se (ou pode ser aproximado) ao trabalho de mediação conforme citamos acima. Como trabalho empírico nessa linha de raciocínio, também é inspirador o trabalho de Chã (2018), que investiga as conexões entre o modelo de produção do agronegócio e a indústria cultural no Brasil a partir das estratégias de atuação das empresas no campo da comunicação e da cultura para a construção da hegemonia no país.

Em tempos em que as mídias permitem que gostos, preferências e comportamentos de indivíduos sejam capturados e capitalizados por grandes empresas – como, por exemplo, Google, Facebook, Spotify e Netflix –, aproveitados por grupos políticos na elaboração de conteúdos “sob medida” e complexas estratégias de campanha – vide o escândalo da Cambridge Analytica e as recentes campanhas eleitorais nos EUA e no Brasil – e até subsumidos em um projeto de cultura global com extrema capacidade de adaptação a demandas regionais, locais e, inclusive, pessoais, é imprescindível que a pesquisa social – e especialmente a pesquisa de Comunicação – comprometida com a crítica e transformação da realidade reveja princípios teóricos e estabeleça estratégias metodológicas condizentes com a complexidade de seus objetos de investigação afim de permitir intervenções verdadeiramente efetivas na sociedade. Tal qual



a concebemos, esse é o propósito da pesquisa em Mídia e Cotidiano e é nesse sentido que ela busca contribuir.

### Referências bibliográficas

ADORNO, T., HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. 1947. Fonte: <http://antivalor.vilabol.uol.com.br> – acessado em nov.2016.

BOLAÑO, C. R. S. **Campo aberto – para a crítica da epistemologia da comunicação** [recurso eletrônico]. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe (Edise), 2016.; ePUB. Disponível em: [http://segrase.se.gov.br/livraria\\_grade.htm](http://segrase.se.gov.br/livraria_grade.htm)

CABRAL, F. **A pesquisa em Mídia e Cotidiano no contexto da tradição crítica latino-americana de comunicação**. Dissertação de Mestrado em Mídia e Cotidiano. Niterói: UFF, 2018.

CHÃ, A. M. **Agronegócio e Indústria Cultural: estratégias das empresas para a construção da hegemonia**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

DANTAS, M. Trabalho material sígnico e mais-valia 2.0 nas condições do capital-informação. In: SIERRA CABALLERO, F. (coord.), **Capitalismo cognitivo y economia social del conocimiento**. Quito: Ediciones Ciespal, 2016.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

KELLNER, D. **A Cultura da Mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: Edusc, 2001.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1963.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Tradução: Alcides João de Barros. Éditions Galimard, 1968. São Paulo: Editora Ática, 1991.

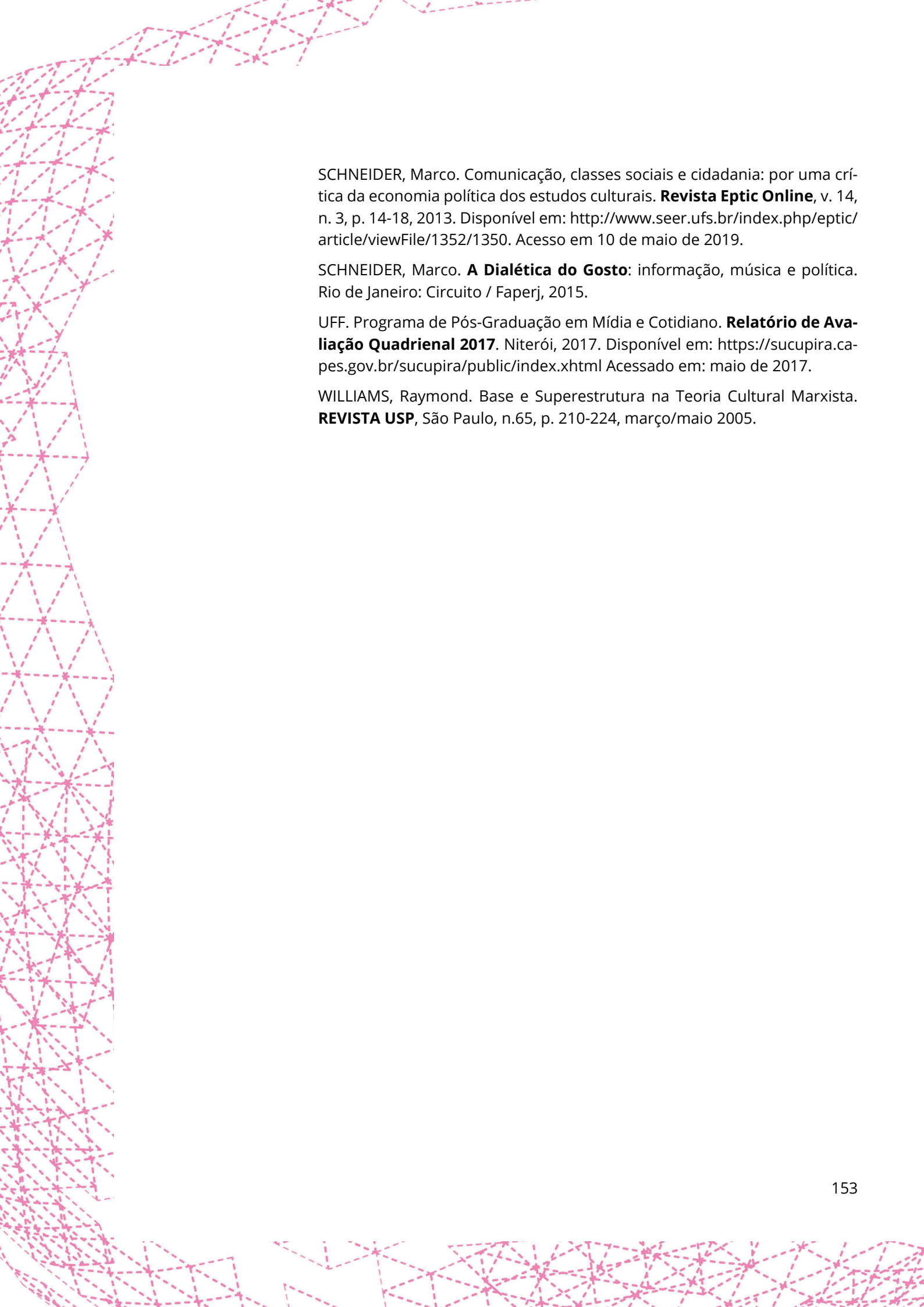
MARTÍN-BARBERO, J. (1987). **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. **Oficio de cartógrafo. Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura**. São Paulo: Editora Loyola, 2004.

MATTELART, Armand. Estudar comportamentos, consumos, hábitos y prácticas culturales. In: ALBORNOZ, Luis A. (org.) **Poder, médios, cultura. Uma mirada crítica desde la economia política de la comunicación**. Buenos Aires: Paidós, 2011, p. 157-176.

PAIS, J. M. **Sociologia da vida quotidiana. Teorias, Métodos e Estudos de Caso**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

QUIROGA, T. **Pensando a episteme comunicacional**. 2a ed – Campina Grande: EDUEPB, 2013.



SCHNEIDER, Marco. Comunicação, classes sociais e cidadania: por uma crítica da economia política dos estudos culturais. **Revista Eptic Online**, v. 14, n. 3, p. 14-18, 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufs.br/index.php/epitic/article/viewFile/1352/1350>. Acesso em 10 de maio de 2019.

SCHNEIDER, Marco. **A Dialética do Gosto**: informação, música e política. Rio de Janeiro: Circuito / Faperj, 2015.

UFF. Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano. **Relatório de Avaliação Quadrienal 2017**. Niterói, 2017. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/index.xhtml> Acessado em: maio de 2017.

WILLIAMS, Raymond. Base e Superestrutura na Teoria Cultural Marxista. **REVISTA USP**, São Paulo, n.65, p. 210-224, março/maio 2005.